

do Colégio Nossa Senhora era o mais alto da cidade, de onde se avistava Uberlândia inteira” (GAROTTI, 2006).

Garotti considerava que Uberlândia era uma cidade muito idealista e voltada para os interesses de seus cidadãos, tudo que tinha que ser feito, o corpo político se unia no empenho de fazer, narrou que percebia o contexto da seguinte forma:

Social: é uma sociedade voltada para o desenvolvimento e as necessidades do Uberlandense. Político: sempre teve políticos certos na hora certa. Rondon Pacheco, Homero Santos, Odelmo Leão, como Deputado Federal e agora o Gilmar Machado. Econômico: Uberlândia se abriu para as indústrias e o comércio. Se a cidade não tem indústria o comércio não tem uma base. E toda cidade que tem muita indústria, tem um bom comércio. Uberlândia se abriu para a cidade industrial e nesse ponto Sr. Virgílio Galassi, contribuiu para que a cidade se desenvolvesse, o Odelmo continua nessa linha de trabalho. Isso é uma característica do uberlandense (GAROTTI, 2006).

Uma de suas primeiras ações como diretora foi passar alguns cursos para o noturno, a fim de possibilitar que os jovens que trabalhavam durante o dia pudessem estudar à noite. Nesse processo de novas conquistas, viajava para o Rio de Janeiro, ia ao C.F.E., na busca do reconhecimento dos cursos que, segundo ela: “[...] nós nunca demos uma formatura sem o curso estar reconhecido pelo MEC” (GAROTTI, 2006).

Relatou que os fatores facilitadores de contato no C.F.E., foi o fato de ser religiosa e pelo aval dos políticos de Minas Gerais: “[...] conversava com o relator sobre as diligências exigidas, contava sempre com o apoio do Rondon Pacheco que era um nome de muita influência no Conselho Federal de Educação” (GAROTTI, 2006).



Figura 1 - Ministro da Educação Ney Braga, Ir. Odécia Leão Carneiro e Ilar Garotti
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti – 1971

Numa outra ação, junto com o Diretório Acadêmico Brasília, promoveu uma grande pesquisa nas escolas de segundo grau para saber as preferências dos alunos para os cursos superiores. Segundo ela, “[...] a pesquisa dava o subsídio para ver qual era o curso que eu tinha que fundar e aí nós íamos ao encontro das necessidades da juventude uberlandense” (GAROTTI, 2006). Esse processo fez com que gerasse credibilidade e seriedade nos trabalhos desenvolvidos.

Foi possível constatar nas fontes iconográficas, como também nos seus relatos, que sempre esteve envolvida no meio político. No início da Faculdade contou com apoio de pessoas e de políticos influentes, o que mostra a força de uma religiosa no contexto social: “[...] minha vida política foi toda orientada por Rondon Pacheco e Virgílio Galassi e posteriormente por Odelmo Leão Carneiro” (GAROTTI, 2006).



Figura 2 - Ilar Garotti e Rondon Pacheco
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti - 1972

Garotti rememorou:

Administrativamente falando, eu funcionava com Odécia na vice, a Doca na secretaria e a Nilza na tesouraria, essa era a minha equipe administrativa. A parte pedagógica era feita pelos chefes de Departamento. Eu reunia os chefes, eles administravam cada curso, e aí, eu pude ser Vice-Reitora com uma visão de todos os cursos da Universidade (GAROTTI, 2006).

No ano de 1969, existiam Faculdades isoladas em Uberlândia: Direito, Pedagogia, Ciências Econômicas, Letras, História, Matemática, Música, Artes plásticas e Medicina. Essas Faculdades foram incorporadas à Universidade de Uberlândia. Nessa época também o Colégio passou por dificuldades financeiras:

Foi a crise de 1968, uma crise mundial. A França estava em guerra, os estudantes do mundo inteiro estavam em crise, e uma crise muito difícil, eu cheguei até entregar a faculdade para o MEC, por que eu não tinha condições financeiras de continuar. O Rondon Pacheco ajudou. Tive também, ajuda do Renato de Freitas que era Prefeito que pagou as dívidas da Faculdade e o Rondon conseguiu as verbas federais necessárias para equilibrar a Faculdade (GAROTTI, 2006).

A FAFI, orientada pela filosofia cristã, foi transferida para a Universidade de Uberlândia – UnU, por um contato verbal estabelecido entre os seus dirigentes. Dessa forma, faz-se necessário conhecer a amplitude das relações de poder estabelecidas. Conforme relatou: “Não tem documento de transferência, foi tudo feito verbalmente, foi conversado entre os dirigentes e foi decidido que iríamos para o Campus Santa Mônica” (GAROTTI, 2006).

Esse período marcado pelo regime militar foi época de mudança, de repressão, estabelecendo uma nova conjuntura política no país. Garotti relatou:

Sofremos muito. O que acontecia no mundo, acontecia aqui, então muitos alunos foram incriminados de que eram comunistas que eram subversivos, tudo aquilo existiu. Professores, alunos, passamos por um pedaço muito desagradável em que nossos alunos tiveram que ser detidos e questionados. Foi uma fase difícil que nós passamos como todas as Faculdades do Brasil passou por esse processo. Uberlândia segue o ritmo mundial, o que acontece no mundo, acontece aqui e agora com a globalização, muito mais rapidamente. Esse período foi realmente muito conturbado com conseqüências desastrosas para muitas famílias que perderam seus filhos O filme “Zuzu Angel”, narra a história de uma estilista que perdeu um filho durante essa repressão militar. A luta dos militares contra a influência comunista foi cruel para a sociedade e para o mundo (GAROTTI, 2006).

Porém, no trabalho desenvolvido na FAFI não foi observado por Garotti nenhum espião e/ou repressão política. Segundo ela: “Nunca houve espiões nas salas de aula. Decisão por repressão política, não! Pois a Faculdade se pautava por princípios de honestidade e firmeza de orientação” (GAROTTI, 2006).

No ano de 1987, Garotti concedeu uma entrevista, sobre o período militar, relatou:

Com o Golpe de 64, tínhamos achado que a interferência política iria impedir o processo de criação da Universidade, mas Uberlândia teve muita sorte nessa época, porque possuía, em Brasília, fazendo parte do governo, o ministro Rondon Pacheco, então chefe da Casa Civil. E, naquela época, o Ministro da Educação e Cultura era Tarso Dutra, amigo de Rondon, que pretendia uma universidade para a cidade do Rio Grande, uma cidade do porte de Uberlândia e Rondon também defendia uma universidade aqui. Um precisava do outro: o Chefe da Casa Civil politicamente precisava do Ministro da Educação e Cultura, e vice-versa (CAETANO, 1988, p.107).

Dessa forma, compreende-se o poder e o modo como ele se instaura e o processo estabelecido nas decisões das gestões. Segundo Foucault (1979), o poder é distribuído entre quem o detém, ele circula e funciona em cadeia e se exerce em rede. Nas suas ramificações o sujeito exerce o poder e também sofre a sua ação.

No período militar, foi incluída no currículo a disciplina de Estudos de Problemas Brasileiros – EPB. Nessa disciplina o professor ministra sua aula conforme o programa, as suas vivências e suas representações. Conserva-se assim, a força do poder do discurso ao qual foi formado e moldado. Segundo Garotti: “[...] cada professor, colocava no conteúdo de sua disciplina a visão que ele tem de mundo, de política e de sociedade, todo professor tem um currículo oculto que é aquilo que você não fala, mas que aparece na sua conduta, na sua ética, no seu profissionalismo” (GAROTTI, 2006).

Portanto, aqui, revelou-se a força política de Garotti. Todos os preceitos que lhe moldaram transpareceram nas suas ações em meio a um contexto de tribulações, transferiu por meio de acordo verbal uma Faculdade de Filosofia particular para a Faculdade de Engenharia da Universidade de Uberlândia - UnU.

Inicialmente, na transferência, o período de adaptação foi meio tumultuado, depois o relacionamento foi melhorando aos poucos. Ela ressaltou que

[...] com a ajuda do Dr. Genésio as coisas foram mudando. Ele dizia: “Eu quero ver isso aqui (porque Engenharia tem mais homens, moços), forrado de moças e de moços, aí eles vão poder namorar, vão poder se encontrar. Eu quero essa Engenharia mais humana”. Genésio teve a visão do Campus Santa Mônica repleto de estudantes dos vários cursos da UFU. A tranquilidade foi acontecendo e o entrosamento cada vez foi ficando melhor (GAROTTI, 2006).

Garotti afirmou que foi um período em que houve a união e o empenho dos diretores e professores das duas Faculdades. Então os alunos da Faculdade de Engenharia, paulatinamente aceitaram os alunos da Faculdade de Filosofia. Assim, segundo ela:

[...] os professores da Engenharia eram nossos conhecidos. O que havia de diferente é que a Engenharia já recebia salário como Federal e nós ganhávamos como Faculdade particular. O salário era bem diferente. A diferença salarial trazia um desconforto relacional. A Engenharia era a prima rica e nós éramos os pobres. Então, eles tiveram que nos aceitar, mas, quando houve a equiparação salarial, aí houve uma aceitação muito maior do que a inicial (GAROTTI, 2006).

Garotti ressaltou que quando a FAFI mudou para a Faculdade de Engenharia, ela levou toda a sua família junto: “[...] minha família eram 72 professores e que nós convivíamos lá do mesmo jeito, só que com mais amplidão e espaço, gerido pelo Campus” (GAROTTI, 2006). Nota-se o carinho e respeito que tinha pelos professores e a força do trabalho em equipe que, mesmo com a mudança de local e transtornos, juntou as forças políticas e manteve o equilíbrio necessário para a continuação da FAFI no campus Santa Mônica.

Em 1974, quando era diretora do Colégio e Vice-Reitora da UnU, Garotti contribuiu para a fundação de uma extensão da Faculdade em Monte Carmelo. O prefeito Camilo necessitava legalizar a situação dos professores leigos locais e, no Colégio Polivalente, ela colocou em funcionamento a Faculdade com os Cursos de Pedagogia, Letras e Estudos Sociais. Esses cursos funcionaram lá por 3 anos e foram dirigidos pela Irmã Maria do Rosário Curado. A experiência terminou depois que a Faculdade legalizou a vida profissional dos professores.

Garotti, com o intuito de implementar suas ações, fez um curso de Especialização em Planejamento e Administração de Sistemas Educacionais na Fundação Carlos Chagas no Rio de Janeiro, em 1975. No fim de 1977 e início de 1978, com a Federalização, a FAFI se integrou à UFU, no Campus Santa Mônica. Nesse período, continuou como diretora e Pró-Reitora Estudantil e Extensão até 1980. Nessa época, os professores não tinham dedicação exclusiva para a UFU, eram horistas e, se caso faltassem ao trabalho, seriam penalizados: “[...] cortava o ponto! O professor recebia por aula dada, se faltasse, a aula era cortada de seu salário” (GAROTTI, 2006).

Ela relembrou também que tudo era conversado, os professores eram muito mais unidos e dedicados ao trabalho: “[...] todo mundo tinha muito mais garra para trabalhar, todo mundo precisava trabalhar, hoje também precisa, mas as coisas eram um pouco mais diferentes”. Na sua fala destacou: “[...] antigamente o corpo administrativo da UFU era muito unido, com ideais nobres e com muita garra para o trabalho em equipe” (GAROTTI, 2006).

Afirmou também que, naquele período, as relações de poder são como hoje, “[...] muito conflitantes. Quando há interesses particulares as relações de poder aparecem causando desconforto, perdendo-se o objetivo maior que é o bem comum da Instituição” (GAROTTI, 2006).

Relatou que os Departamentos da UFU eram a menor unidade administrativamente falando, mas juntos tinham força. Rememorou:

Nossa! A Faculdade de Filosofia com 70, 72 professores, quando fomos pra lá, era aquela união, aquela maravilha, embora com os professores de vários cursos, havia uma união muito grande a gente se encontrava muito, isso hoje não existe, é muito difícil por causa do individualismo (GAROTTI, 2006).

Relatou que na UFU quando realizavam comemorações, cada Departamento fazia sua agenda, eram livres: “[...] o Departamento se reunia, festejava, organizava as festas dos alunos, as reuniões, as datas”. Conta também que antigamente havia cultos religiosos para os alunos, “[...] existia um trabalho de Igreja, dirigido pelo Professor Pe. João Biagioni. Havia a equipe que orientava a missa do universitário aos domingos. Essa missa era freqüentada pelos universitários da cidade” (GAROTTI, 2006).

Garotti constatou que os alunos da época eram bastante compromissados com os estudos, porque precisavam do diploma para trabalhar, ela conta que “[...] eles eram voltados para o processo de ensino-aprendizagem, concentrado sobre a vida real, para os interesses de suas necessidades naturais e intelectuais. A busca do conhecimento norteava a mente dos alunos” (GAROTTI, 2006).

Dessa forma, ela considera que a rebeldia dos jovens se dá pela falta de princípios de família, que é a base fundamental da sociedade. Relatou que

[...] a sociedade foi se contaminando, com toda essa libertinagem que existe onde tudo é permitido, tudo é natural. Isso não agrada o jovem. O jovem anseia por princípios de ordem fundamental, ideais nobres e elevados. O jovem de hoje, quer a seriedade (GAROTTI, 2006).

Garotti relembrou que na sua vida sempre trabalhou com afinco. Ao lado de Genésio de Melo Pereira, Rondon Pacheco e Homero Santos, ajudou a organizar a fundação da UFU. De 1972 a 1976 foi membro da Comissão de Estruturação, Transformação e Organização da UnU para a UFU e Assessora de Ensino da UnU. Em 1973 foi Diretora Pró-Tempore da Faculdade de Medicina Veterinária na gestão do Dr. Juarez Altafin. De 1976 a 1980 foi Pró-Reitora Estudantil e de Extensão da UFU na gestão do Dr. Gladstone Rodrigues da Cunha, acumulando cargos.

Em sua gestão contou com a motivação e apoio da Ir. Odécia fez dois estágios no exterior. Ela relatou que esses estágios foram importantes, pois pôde fazer adaptações para melhorar os projetos que desenvolvia na UFU. Havia o aperfeiçoamento do ensino, a melhoria de material de apoio para as aulas, enfim, toda aprendizagem adquirida constituía um núcleo de aprofundamento do trabalho pedagógico na sua gestão. Rememorou que

[...] a Irmã Odécia Leão Carneiro me incentivava muito a fazer estágio no exterior, ela arrumou um estágio em SEVRES, Paris, na França em 69 e 70, eu fiquei 3 meses no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos de SEVRES. Depois, eu fui para os Estados Unidos, em Rochester, em 1987, eu fiquei lá 3 ou 4 meses no Colégio das Irmãs vendo como funcionava a Universidade, principalmente a biblioteca. E na Universidade de Madri, em 93, eu já estava fora da universidade, eu fui mais para uma viagem turística e fiquei lá na casa do Brasil, por três meses (GAROTTI, 2006).

Em 1980, com 47 anos, fez Mestrado em Educação na PUC-SP, na Área de Supervisão e Currículos. Em 1982, retornou para a UFU para ser professora no Departamento de Educação, ministrando as disciplinas Currículos e Programas e Introdução à Educação. Foi professora por oito anos e concomitante a esse período fundou a Creche Santa Rita, em 1983, que, posteriormente, foi cedida à Prefeitura com a permuta em terrenos. Foi co-fundadora e vice-presidente da Creche Comunitária Santino, em 1987. No período em que foi docente utilizava o espaço da Creche Comunitária Santa Rita para que suas alunas fizessem estágio.

Como professora, Garotti sempre foi mestra dedicada e comprometida com seu trabalho. Afirma que foi muito aberta com seus alunos e sempre teve grande preocupação com a formação da juventude, com a qualificação para o trabalho e com a inculcação de valores.

Afirmou que, embora sempre tenha tido apoio político nas suas gestões administrativas no período militar, relatou que foi um período muito conturbado, mas compreendeu que aquele era um contexto geral que abrangeu todo o país: “Foi uma fase difícil que nós passamos como todas as Faculdades do Brasil passaram por esse processo” (GAROTTI, 2006). Assim, pôde-se compreender a força das relações de poder e as determinações da Igreja no contexto e na educação.

Em 1989 foi presidente da Sociedade Beneficente Ágape que é mantenedora da Creche Santino. Quando foi docente, seus valores religiosos permeavam a sua conduta, relacionava-se bem com os professores e com os alunos, havia entrosamento, solidariedade e união. Porém, lembrou que teve problemas com a burocracia existente na UFU:

A burocracia sempre foi grande demais! Eu não me conformava. Quando eu cheguei do Mestrado e voltei para a docência eu me assustei com a burocracia da Universidade. Foi uma das maiores dificuldades que eu encontrei. Para o aluno tudo era difícil, xerox era difícil, publicar era difícil, tudo! A burocracia gerava uma porção de impactos, porque o aluno se sentia muito marginalizado (GAROTTI, 2006).

Relatou que quando foi docente na UFU tinha uma imensa dificuldade para ministrar as aulas por falta de material. Contou que necessitava de xerox e de materiais para ministrar bem as aulas, afirmou: “[...] para a administração tudo era fácil!” (GAROTTI, 2006). Dessa forma, Garotti pôde perceber o grande impacto que a burocracia lhe oferecia e as relações de poder existentes às quais, como professora, não tinha acesso aos mesmos benefícios que tinham os administradores da UFU.

Outro aspecto que a incomodava muito era o excesso de reuniões que não resolviam nada, formavam uma comissão e tudo continuava como antes. Percebeu que era muito diferente do período em que administrava, relatou que tomava decisões e articulava o meio político e pessoas para atingir o seu objetivo. Lembrou:

Tinha reuniões e mais reuniões, porém depois tudo continuava como antes. Eu me cansava com tantas reuniões. Muita reunião e pouca ação. O povo quer falar, mas na hora de agir. O professor tem que mudar isso, mudar aquilo. O professor tem que preparar melhor a aula, o professor tem que... Ih, era aquela lenga, lenga e tudo continuava da mesma forma (GAROTTI, 2006).

Depois de trinta anos, já cansada e desmotivada com as situações e sem forças para decisões e ações, em 1991, com 59 anos, aposentou-se na UFU. Garotti relatou: “[...] percebi que era hora de cuidar de outras coisas. Viver a vida de modo diferente. Minha fase, depois de 30 anos, passou. O que eu tinha que fazer, eu já fiz, o que eu tinha que produzir, já produzi, então agora é pensar em outras coisas” (GAROTTI, 2006).

Descansou por dois anos e não parou por aí, continuou assessorando as creches e cuidando de seu trabalho na pastoral da Igreja. Depois de todas essas lutas, reflexões, sentiu necessidade de aprofundar na espiritualidade. Em 1994, foi para a PUC-SP, fazer outro Mestrado em Ciências da Religião, buscando se dedicar ao estudo de questionamentos mais existenciais e espirituais.

Indicada por Gladstone Rodrigues da Cunha, Reitor da UFU, assumiu a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU). No período de 1997 a 2000, como Secretária, remontou sua equipe de trabalho, contou com o apoio de assessores que já atuavam na Prefeitura, pois considerava que eles já conheciam a realidade e o contexto educacional do município, o que ficaria mais fácil de administrar. Novamente pôde contar com o suporte de alguns políticos do município.

O trabalho desenvolvido na PMU era pautado nas seguintes diretrizes: participação na gestão escolar, melhora da qualidade da educação, aprendizagem e humanização das escolas, através da melhoria do relacionamento baseada em valores, a fim de contribuir para o conhecimento do aluno e a participação da família na escola. Ela ressaltou que, para ensinar, é necessário que a família, os professores e diretores acompanhem o desempenho do estudante, integrando três partes básicas:

Liderança, autoridade e competência. Sem a liderança o grupo não se une. A autoridade não pode ser confundida com autoritarismo, senão o ensinamento não flui e a competência que margeia e norteia os dois primeiros. Agindo com estes três preceitos, diretores e professores vão se dar bem nas suas tarefas (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU, 1997).

Uma de suas primeiras ações foi a unificação das creches através de um projeto com a Secretaria de Ação Social e Secretaria Municipal de Educação, para garantir e instituir um padrão de qualidade em todas as creches. Para tal objetivo promoveu um curso de formação dos profissionais que atuavam nas creches.

Nesse período, elaborou metas a serem estruturadas e realizadas nos quatro anos de sua gestão. Dentre elas destacaram-se:

Melhoria das condições de funcionamento e qualidade do ensino, privilegiando a integração escola comunidade; - Cursos de qualificação para profissionais do ensino, preparando-os para as mudanças preconizadas pela LDB; - Inclusão, no conteúdo do Ensino Religioso, da Orientação para Vida, uma proposta de resgate de valores e de incentivo ao papel do professor como agente transformador da cultura do aluno. - Implantação do Sistema Municipal de Ensino, visando agilizar as decisões do processo ensino-aprendizagem. - Implantação do ensino fundamental em ciclos e sistema de aprovação automática. - Implantação do Conselho Municipal de Educação, visando maior participação da comunidade na gestão da Secretaria. - Reduzir as repetências de modo que 80% das gerações escolares possam concluir a escola fundamental com uma trajetória escolar regular. - Criar classes de recuperação e aceleração, tornando os programas de recuperação obrigatórios para alunos de baixo rendimento. - Incentivo à democracia e autonomia nas escolas - Avaliação durante todo o ano letivo com ênfase na qualidade do ensino - Implantação da internet e intranet (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU, 1997).

Sua gestão foi permeada pela divulgação de valores humanos para conduzir o indivíduo no seu dia-a-dia, no sentido da vida na vivência e no resgate dos valores. Criou, assim, a disciplina Orientação Para a Vida - O.P.V., para promover a humanização do aluno e da escola. Garotti, quando foi Secretária da Educação, relatou: “[...] tenho o intuito de desenvolver o espírito comunitário entre todas as pessoas, resgatando assim a cidadania” (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU – 1997).

Com essa visão, procurou buscar o verdadeiro sentido do educar: “[...] o progresso de um país só acontecerá através da educação, na integração da sabedoria do espírito e do conhecimento intelectual e na valorização da vida” (GAROTTI, 2006).

No encerramento do ano letivo de 1999, no Encontro dos Educadores, Garotti revelou um balanço positivo de sua gestão: “[...] foi um ano favorável ao ensino. Muito

se fez, muito se conquistou. E, por trás de toda ação, estão aqueles que promoveram os artífices da educação, onde o ideal é imbatível e persiste aos mais fortes obstáculos” (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU – 1999).

Afirmou que: “[...] em 1997, quando assumiu a Secretaria Municipal, a rede tinha 37.270 alunos, em 2000 a rede tinha 47.316 alunos, aumentando em quatro anos 10.046 alunos” (PASTA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO – PMU – 2000). Esse desafio terminou em dezembro de 2000, período em que recebeu várias homenagens.



Figura 3 - Homenagens recebidas no ano 2000 Cidadã Uberlandense e Título de educadora do ano 2000
Fonte: Acervo particular de Garotti 2000.

Garotti resumiu sua História de Vida sentindo que o seu dever foi cumprido da melhor forma possível. Relatou:

Senti-me muito realizada, porque dei uma resposta aos grandes desafios que Uberlândia me pediu. E, com muita satisfação, hoje estando com 73 anos de idade, trabalhei 30 anos na Universidade. Se precisasse começar tudo outra vez, eu começaria do mesmo jeito, com uma experiência maior, tanto na Universidade, como Diretora, como Vice-Reitora, como Pró-Reitora e depois na Secretaria Municipal de Educação como Secretária Municipal no tempo do Sr. Virgílio. Eu tenho uma satisfação muito grande de ter contribuído para o progresso cultural de Uberlândia. Na medida das minhas possibilidades e das minhas circunstâncias, eu me sinto uma pessoa muito realizada, como mulher, como religiosa e não me arrependo nenhum minuto de tudo o que eu fiz (GAROTTI, 2006).

Relembrou das pessoas que deram suporte administrativo ajudando-a na consecução de seus objetivos e por fim a construir sua trajetória de vida:

[...] a começar pela minha família, minha mãe, meu pai, meus irmãos e depois a nossa Madre na Congregação, na Faculdade de Filosofia, a Odélcia, a Doca e a Nilza e todos os professores, Professor Osvaldo, enfim, eles foram para mim os grandes incentivadores que me ajudaram, a construir o que eu pude realizar. A Ir. Odélcia recebeu de Deus o dom de uma inteligência brilhante, testemunhada pelos alunos e companheiros de trabalho na UFU. Sabia se doar na profissão. Foi uma das melhores professoras da UFU. Na vida existencial, era amiga e boa conselheira. Sabia dar uma palavra fundamentada na prudência e na sabedoria, dentro da verdade inserida na sua própria maneira de pensar, ser e agir. A Doca, Aparecida Portilho Salazar é amiga e conselheira. Trabalhou na Faculdade durante 18 anos, demonstrando grande competência para lidar com legislação de ensino. Uma das coisas mais acertadas que fiz na Faculdade foi colocar a Doca como Secretária. Ela possui as seguintes qualidades: Seriedade, competência e dedicação. A Nilza Pereira Ciconelli, foi companheira em todas as horas. Foi tesoureira. É honesta, séria e fiel. Trabalhou desde o início da Faculdade, sempre alegre, comunicativa e solícita (GAROTTI, 2006).

Ressaltou na narrativa que uma das coisas que mais gosta de fazer é administrar e gerenciar pessoas, além de considerar que o trabalho desenvolvido no Colégio, na UFU, na PMU, foi reconhecido e feito com satisfação e apoio. Afirmou:

A Universidade me deixou uma marca muito grande, foi um complemento positivo na minha vida. Eu sempre gostei de administrar. A Universidade me deu um suporte financeiro para eu poder desenvolver essa capacidade que trago dentro de mim. Sempre me sentia muito livre, muito apoiada pela Universidade, para eu fazer e realizar o que eu queria e o que eu precisava realizar. Como também na Secretaria da Educação, o Sr. Virgílio sempre me deu muito apoio e eu pude fazer alguma coisa por causa desse apoio que eu tinha dele. Então, sempre onde eu trabalhei, eu sentia muito apoio dos meus superiores, mesmo dentro da Congregação, na Universidade, na Faculdade de Filosofia, o apoio para desenvolver o que eu tinha que fazer, isso me realizava muito (GAROTTI, 2006).

Quando Garotti falou sobre como gostava de administrar, se emocionou dizendo: “[...] trabalhava com muito Amor” (GAROTTI, 2006). Disse que não sentia vaidade nas suas realizações, mas gostava de fazer bem feito: “[...] sentia prazer por estar fazendo uma coisa para o bem da humanidade, para o bem de Uberlândia, pois eu gostava de trabalhar na UFU” (GAROTTI, 2006).

Relembrou que em 2002 recebeu o Prêmio Darcy Ribeiro de Educação: “[...] esse é um prêmio que o MEC oferece, concedendo o diploma de menção honrosa. A Comissão de Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados em Brasília escolhe uma pessoa e durante a Conferência Nacional de Educação, eles oferecem esse prêmio” (GAROTTI, 2006).

Assim, compreender a história de Garotti é enveredar pelos percursos realizados na e pela educação de uma docente aposentada da UFU. O seu modo de ser, fazer, e pensar sobre a educação, o meio social e político em que esteve inserida, deixou claro na narrativa o tino administrativo de uma mulher, uma religiosa, uma educadora, que, em meio a tantos desafios, deu uma resposta positiva aos anseios de Uberlândia, tornando-se uma das principais protagonistas da organização e sistematização do ensino local.

Nessa perspectiva, entende-se que a formação da professora está ligada à própria constituição da mulher. Ser professora representava, pois, um prolongamento das funções domésticas, o ato de ensinar, era destinado à mulher. O magistério, além de ser uma profissão tida como continuadora do lar, ainda incumbiu-se de propagar que a mulher seria a educadora das futuras gerações.

Dessa forma, Garotti representou em sua profissão o papel de professora que lhe foi atribuído no curso de sua própria história. Importa notar que, por um lado, com a grande evolução e revolução que se processa no campo educativo, nos últimos anos, assistimos a transformações sociais, políticas e econômicas acentuadas. Essas mudanças influenciaram a educação e a função docente.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa obrigou o professor a alterar o seu papel de transmissor de conhecimentos. Ele enfrenta, atualmente, a necessidade de integrar as redes de informações ao seu trabalho, devido ao potencial informativo dessa nova fonte.

A mídia é presença constante no cotidiano, principalmente no escolar. Assim, apresenta-se aqui uma breve reflexão sobre a influência da mídia no processo educacional e a fabricação de identidades sociais., focalizando a constituição de um discurso que tem que preparar o jovem para o mercado de trabalho.

A mídia tem influenciado o processo educacional através da rapidez e o fácil acesso das informações. Esses fatores trouxeram consequências positivas por um lado, e

negativas, por outro. Positivas no sentido de que essas informações podem ser transformadas em conhecimento, e negativas porque muitos não sabem lidar com essas informações, ao invés de usarem a informação como meio de conhecimento e de discussão, pode ser usada para inculcar a ideologia dominante.

A mídia está presente em todos os lugares. Em todas as áreas do saber ela está inserida. Dificilmente alguém deixa de comentar em seu meio social o que repercutiu no rádio, no jornal, na televisão e na internet. Como a mídia é onipresente em nossas vidas, conseqüentemente, ela influencia também o processo educacional. Assim, “[...] A supervalorização da comunicação em massa tem íntima relação com o enfraquecimento dos modos de legitimidade de outras instâncias intermediárias, como a comunidade acadêmica, a religiosa, a científica e a cultural [...]” (FISHER, 1996, p.50).

Dessa maneira, com a globalização ocorreu a expansão do conhecimento de forma ampla e em plano mundial. Com o uso da comunicação em rede pode-se gerar e aplicar novos conhecimentos. Mas é preciso um ajustamento tanto de consciência do modo como usá-lo corretamente, como também da necessidade de formar profissionais do magistério para lidar com novas redes de informações.

Garotti quando foi docente, teve essa percepção da mudança do comportamento da juventude que, diante da globalização das informações, percebe os jovens sem um ideal para sua vida:

Eu vejo hoje um aluno muito carente e muito mais perdido do que no nosso tempo. O jovem precisa de um ideal na vida. Esse desejo de liberdade e às vezes até de libertinagem, é uma fantasia que passa na cabeça do jovem. O que ele quer mesmo é uma ordem, uma disciplina. Todos têm esse desejo, e isso está meio balançado hoje, onde tudo é permitido (GAROTTI, 2006).

Esse processo pode se dar pela falta de limites e pelo excesso de informações a que o jovem tem acesso. Ele não tem maturidade suficiente para lidar com a ampla rede de informações: “[...] o que acontece no mundo, acontece aqui e agora com a globalização, muito mais rápido” (GAROTTI, 2006).

Vivemos inseridos em um mundo cultural e amplo, no qual são tecidas diversas experiências de nosso dia-a-dia e que envolvem conhecimentos de todo o tipo. Assim, a educação viabilizou por meio da mídia a divulgação e a operacionalização da formação.

A escola tem como papel social ser instrumento de formação intelectual do sujeito e, como prática social, pode propiciar tanto a conscientização como a alienação. Nesse sentido, “[...] os meios de comunicação, com sua velocidade de veicular a informação, deixam explícitos a inoperância das instituições escolares e dos professores” (PIMENTA, 2002, p.102).

Dessa forma, faz-se necessário a conscientização da importância de formar mediadores para interagir com o conhecimento e para que, a partir da leitura do contexto, possa promover a reflexão e a mudança de si mesmo e da realidade na qual está inserido.

Garotti ressaltou que, quando foi docente o jovem tinham ideais nobres: “Os alunos eram voltados para o processo de ensino-aprendizagem, concentrado sobre a vida real, para os interesses de suas necessidades naturais e intelectuais. A busca do conhecimento norteava a mente dos alunos” (GAROTTI, 2006).

Hoje, os jovens criados numa sociedade digital, cedem ao marketing do modismo e do consumismo: “Eu vejo hoje um aluno muito carente e muito mais perdido do que no nosso tempo” (GAROTTI, 2006). O ser humano tornou-se um consumidor de idéias, de produtos do desejo e da moda. Impôs-se uma escola competitiva para educar segundo as exigências do mercado de trabalho. Nesse sentido, “a mídia se tornou uma estrutura de poder que se articula através dos meios de comunicação” (FISHER, 1996, p.53).

Estamos no século XXI, vivenciamos uma época de grande disseminação de informações. O modo de educar e disseminar os conhecimentos estão em constante transformação, principalmente com os novos avanços tecnológicos. Antes, tínhamos falta de informação. Hoje, com o crescimento da mídia, principalmente a eletrônica, há excesso de informações. Assim,

[...] a universidade (e os professores) têm um grande trabalho a realizar, que é proceder à mediação entre a sociedade da informação e os alunos, a fim de possibilitar que, pelo exercício da reflexão, adquiram sabedoria necessária à permanente construção do humano (PIMENTA, 2002, p.102).

Portanto, os educadores precisam se conscientizarem quanto à importância de formar seus alunos para a leitura crítica da produção dos meios de comunicação. A

mídia tem exercido um papel determinante na formação. Quando foi docente na UFU, Garotti relatou: “Eu percebia muito nos alunos a seriedade no estudo, eles levavam a sério, eles precisavam daquele diploma para trabalhar. Hoje em dia a coisa mudou muito, primeiro eles vão arrumar um emprego, depois vão estudar” (GAROTTI, 2006).

A internet é uma nova mídia. Na educação, o uso dessa tecnologia exige professores interessados no processo de ensino-aprendizagem e na formação do sujeito. Todo o aparato técnico, desenvolvido principalmente nas últimas décadas, deflagra a importância do sistema de comunicação eletrônica na organização e controle da sociedade, mas é também um importante meio de divulgação da ciência. Para Garotti:

O progresso tecnológico hoje, mudou muito a cabeça dos alunos. O computador, a internet está contribuindo para que nosso jovem mude sua maneira de pensar e agir. A cultura do aluno hoje se diferencia diante dos desafios da globalização e do progresso do mundo (GAROTTI, 2006).

Nesse contexto, as relações entre os professores e os alunos também sofreram mudanças profundas. Assiste-se a uma degradação do clima escolar “[...] entre sujeito, discurso e poder. Nossas vidas comuns, apanhadas e transformadas pelos discursos da mídia, têm neles uma forma de existir, que é ao mesmo tempo pauta para nosso cotidiano, fonte de saberes múltiplos e objeto de poder” (FISHER, 1996, p. 56).

Dessa forma, o professor deve compreender o seu papel social, o que significa, antes de tudo, ser um sujeito capaz de utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos preexistentes e, assim, reelaborar suas práticas, de forma autônoma, utilizando-se dos instrumentos e de práticas reflexivas.

A formação deve também garantir a própria ação educativa, (re) construindo-a a partir da reflexão e das reais necessidades do grupo. É preciso ter o desejo de ensinar e provocar o desejo no outro: “[...] é preciso gostar do que faz” (GAROTTI, 2006).

No atual contexto, assiste-se a um processo histórico de aumento das exigências ao professor. Ele assume um número cada vez maior de responsabilidades: ser facilitador da aprendizagem; pedagogo eficaz; organizador do trabalho em grupo; e que, além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e a interação com os alunos especiais, o que não se constitui em tarefa fácil.

Portanto, a formação é também um trabalho de reflexão sobre os percursos da vida. Assim os conhecimentos, os valores, as crenças e ações deram forma à identidade de Garotti. Analisar a formação desta professora com o auxílio da narrativa, possibilitou compreender o modo como ela representa o mundo e a sua vida. Conota-se também que a formação de professora e religiosa moldou, no tempo e no espaço, a educação de Garotti.

Dessa forma, a vocação também foi tida como determinante de sua opção de vida. História, educação, formação e religiosidade formaram elos intrínsecos na constituição da vida de Garotti. Esses fatores justificaram a renúncia a uma existência material para atender a um chamado de Deus. Assim, a construção de sua identidade se deu na sua formação e na vivência num Colégio de freiras.

Nesse sentido, no próximo capítulo buscou conhecer alguns aspectos da religiosidade que influenciaram e marcaram de forma significativa a opção de Garotti pela vida religiosa.

CAPÍTULO III

A RELIGIOSIDADE DE ILAR

3.1 - A vida na história: a história da vida religiosa

O discurso [...] são poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras (FOUCAULT, 1996, p.8).

Com a modernidade houve a coisificação da criatura humana. O ser humano gradualmente está perdendo sua essência e sua liberdade, pois está sendo considerado como objeto, útil para o consumo. Nesse sentido, é importante ver o sujeito com um olhar reflexivo, como um ser de encontro com diversas realidades: a política, a família, a arte, a linguagem, a comunidade, a religião, os amigos, dentre tantos outros. Assim, trata-se aqui, dos aspectos da determinação da Igreja Católica na educação de Garotti.

No século XX, a Igreja Católica impõe-se como grande empresa, ocupando quase todos os espaços sociais, criou um simbolismo de que a mulher era composta de pureza e amor ao próximo, este processo teve o efeito de “[...] maximizar a importância feminina na educação escolar” (ALMEIDA, 2004, p.60).

A Igreja Católica no Brasil foi profundamente eficiente em relação aos objetivos que pretendia alcançar. Inicialmente, lançando-se contra protestantes, liberais e positivistas e, posteriormente, adquirindo um caráter anticomunista, a Igreja Católica lançou mão de todos os meios disponíveis para não perder sua influência junto à população, uma vez que controlava toda a sociedade. Assim, “[...] a força da religião na modelagem de corpos e almas e o discutível e controverso poder atribuído às mulheres no ambiente escolar, esse aspecto se solidificou no processo educacional” (ALMEIDA, op. cit., p. 63).

Nosela e Buffa (1996) relatam que durante muito tempo os cursos eram ministrados em escolas diferentes para cada sexo, enquanto que, em outro momento, para ambos os sexos no mesmo espaço. Em geral, as famílias de classe média e alta não permitiam que suas jovens freqüentassem a escola pública, mesmo esta tendo um sistema de vigilância e controle exercido pelos diretores, reflexo da Pedagogia

tradicional que defendia a disciplina como fator importante para a ocorrência da aprendizagem.

Já a Igreja Católica procurou, pela via do ensino, moldar consciências e retomar o poder. Contrária às escolas mistas, várias ordens religiosas foram criando colégios, muitos dos quais funcionando como internato, onde, além de instruir, tinham oportunidade de exercer uma influência maior sobre o caráter do educando. A Igreja Católica preconizava que “[...] a escola confessional é a única que teria condições de desenvolver a inteligência, formar caráter, isto é, educar” (RIBEIRO, 2003, p.166). Nesse sentido, ocorre um processo de construção social, como prática de vida, de socialização e o desenvolvimento da capacidade intelectual do ser humano.

A família, como instituição social, entidade legal e, sobretudo, unidade econômica fundamental dos sistemas sócio-econômicos em que vivemos, era também normatizadora do comportamento feminino. Nesse sentido, “[...] as suas filhas deveriam aprender a ler e a escrever [...] dentro dos lares”, e ressalta ainda que “[...] a sexualidade era reprimida e havia extrema vigilância da família e da Igreja” (ALMEIDA, 2004, p. 66).

Para as famílias das jovens, ir para o convento significava aprender prendas básicas, como “[...] bordar, coser, fazer doces, ler, escrever e contar; um pouco de latim, música e história sagrada” (ALMEIDA, op. cit., p.66), era necessário para preparar a jovem para um bom casamento.

A Igreja Católica usando o argumento da fé religiosa, mantinha o controle ideológico da população. O ensino de religião contribuía para veicular as normas e dogmas da religião e a formação de uma mulher dócil, meiga e dedicada para cumprir suas funções de mãe e de esposa. O medo do pecado era incentivado para orientar e fortalecer a formação moral da mulher, os comportamentos femininos desejados.

Assim, “[...] a religião católica representa o ponto nevrálgico para onde convergiam as relações de poder estabelecidas no nível simbólico e no imaginário” (ALMEIDA, op. cit., p.66). A Igreja contribuiu para a formação de indivíduos submissos, que acatavam as normas, concorrendo para a normatização e organização da sociedade segundo os moldes da Igreja. Ainda segundo essa autora, “[...] a feminização do magistério foi e continua sendo fenômeno universal, em conjunto com a influência católica” (ALMEIDA, 2004, p.66).

Na análise das práticas educativas, tem-se que as alunas eram submetidas a um sistema de controle, com espaços e horários delimitados, sendo que a prática pedagógica e avaliativa de natureza tradicional visava à formação de jovens submissas, cultas e refinadas que sabiam se comportar no meio social.

No Regimento dos Colégios, as práticas pedagógicas desenvolvidas se baseavam numa visão voltada para o desenvolvimento de orientações sobre o comportamento das mulheres nos diferentes espaços sociais. Nessas diretrizes, paradigmas e modelos normativos de conduta adotados, estava intrínseco que “[...] as mentes eram passíveis de serem adestradas por uma pedagogia do temor” (ALMEIDA, op. cit., p.67).

Almeida (2004) ressalta que o controle, além de disciplinar o corpo, controlava os impulsos, sentimentos e emoções, enfim, a subjetividade. No interior do internato, fica evidente, vigorava a pedagogia do medo, geralmente adotada nos Colégios religiosos, segundo essa pedagogia, a mulher deveria ser vigiada e privada do livre arbítrio, impondo a submissão da razão às normas e costumes preestabelecidos.

Os Colégios católicos começaram a ser inaugurados para ter uma educação pautada na moralidade, “[...] as mulheres seriam as principais indicadas para se incumbirem em modelar uma infância saudável, patriótica e livre de vícios [...] para a salvação dos males sociais e equalizadora de oportunidades” (ALMEIDA, op. cit., p. 75). Para essa mesma autora:

O modelo normativo de mulher, criado desde os meados do século XIX, inspirado nos arquétipos do cristianismo, espelhava a cultura vigente instituindo formas de comportamento em que se exaltavam virtudes femininas como castidade, abnegação, forjando uma representação simbólica de mulher por meio de uma ideologia imposta pela religião e pela sociedade (ALMEIDA, op. cit., p.68).

Dessa forma, para compreender as crenças, vivências, representações e os discursos, é necessário compreender os caminhos históricos, a religiosidade, a instituição e os moldes da educação confessional oferecida às jovens da época, bem como os discursos e a ideologia dominante da Igreja Católica na educação da mulher.

3.2 – A influência da educação confessional na vida de Ilar

Existem vários discursos sobre a educação e sua função, são oriundos de diferentes fontes e crenças: do político, do acadêmico, do senso comum, da história, da cultura, do regionalismo. O mais eloqüente discurso utilizado por vários segmentos da sociedade é o de que cabe à educação oferecer ao sujeito condições de viver em comunidade, de tornar-se uma pessoa capaz de compreender o mundo e a sociedade em que vive.

Segundo Freire (1996), a educação vista nessa concepção tem como objeto de trabalho o ser humano. Sendo assim, o ofício dos professores deve se pautar em princípios morais e éticos para construir seu saber e seu saber-fazer na individualidade, na subjetividade, no coletivo, respeitando tempo, espaço e autonomia de cada um. Dessa forma, as instituições educacionais são mediadoras do conhecimento do indivíduo na sociedade.

Com a evolução da humanidade houve uma explosão de saberes nos campos da ciência, da tecnologia e do desenvolvimento. A educação atualmente integra um processo histórico, político e cultural importante para compreender a construção da evolução sócio-antropológica e emancipadora do ser humano.

Nessa perspectiva, compreender o processo educacional por meio da narrativa de uma educadora é relevante e torna-se socialmente importante porque a UFU é uma instituição produtora de conhecimento, que cuida da transmissão, da apropriação de saberes e, principalmente, de sua produção.

Ao descrever os modos de fazer, a história promove um profundo diálogo entre homens de todos os tempos. Esse processo histórico ajuda na valorização do presente e torna-se extremamente importante, pois

[...] os homens que tenham sugerido muitas coisas a outros homens que viveram depois e que não podem atravessar mais referências pessoais, temporais ou espaciais do que as próprias intransferíveis, mas podem realizar sua aprendizagem vital na experiência de outros e enriquecer-se (GAMAZO, 1996, p.26).

Nessa perspectiva, o educador está sempre envolvido no processo ensino-aprendizagem. Para Freire (1996), o papel atribuído ao educador é de empreendedor do

conhecimento científico, com discursos que levam à reflexão crítica e dialética do conhecimento, sempre produzido de forma coletiva e inter-relacionada, com postura crítico-transformadora. Esse é um papel individual que cada um se propõe a construir de diferentes formas, de acordo com suas metas, cultura, conhecimento, ética e autonomia.

Ainda segundo Freire (1996), é importante conhecer e analisar o contexto para reestruturar e compreender o presente, para criar condições de luta por uma educação de qualidade. Assim, é possível compreender que o processo histórico, político, econômico, social, cultural e intelectual, estão em constante movimento, construindo o conhecimento dialeticamente nos conflitos e contradições. Compreender o papel do educador e suas especificidades leva a compreender sua categoria social, inserido numa realidade histórica ampla e sistêmica.

A educação confessional moldava o pensamento das moças de famílias abastadas para serem esposas, mães e professoras, através da formação moral e de valores. A educação era efetivada por normas e regras rígidas. Assim, inibiam-se os instintos, modelavam-se dessa forma o agir e o pensar que incentivava a mulher a ter uma atitude de submissão, voltada para a vida da fé. Garotti desde a sua infância foi educada num colégio de freiras, o que conota a influência dos preceitos católicos na sua educação.



Figura 4 - Colégio Sagrado Coração de Jesus – Cruzada Eucarística
Fonte: Acervo particular Ilar Garotti - 1943

Para compreendermos a lógica do poder da Igreja Católica nas instituições educacionais, contamos com a contribuição de Foucault (1975) que, para ele, o surgimento de dispositivos disciplinares utilizados pelas instituições e pela sociedade para punir os sujeitos que cometiam infrações, que desobedeciam alguma ordem ou que tinham algum desvio de comportamento, como gestos e atitudes, eram disciplinados nos Colégios.

Nesse processo, a educação da mulher estava aliada à prudência e à virtude. Assim, a mulher foi moldada e assemelhada ao modelo de Maria, passiva, casta e submissa. Havia também a mulher pública, aquela que precisava trabalhar para ajudar nas despesas domésticas, ela era comparada a algo impuro e perigoso, pois estava exposta às coisas do mundo.

Muitas jovens, por pressão familiar, por querer estudar e/ou também por vocação entravam para o convento, com o intuito de servir e estudar. Estar no convento, para os católicos, dava status e confirmava o modelo de mulher, boa, pura e santa. Surgiram novas instituições e, paulatinamente, foi elevando o papel da mulher na sociedade. Iniciou-se, assim, um novo alicerce educacional feminino,

Na história da educação brasileira, observa-se uma forte presença das escolas confessionais na formação da mulher. Essas instituições tinham como proposta educar a mulher para torná-la mais refinada e comprometida com as funções de ser esposa e mãe. O discurso religioso também reforçou a representação de seu papel de boa esposa, mãe e, posteriormente, com a demanda por educação, ela passou a ser formada para ser professora. Esse aspecto foi uma resposta à demanda criada pela sociedade.

Os Colégios justificavam a sua existência pelos apelos à educação da mulher e, assim, legitimavam seus propósitos de arrebanhar ovelhas para sua messe. Esses Colégios também primavam pelas suas edificações arquitetônicas, com espaço físico confortável, com higiene e aparência para atender aos anseios da elite. Eles passavam segurança aos pais, pois suas filhas estariam bem acomodadas e protegidas dos perigos da sociedade.

Para Nosella e Buffa (1996), o internato era uma característica comum em quase todas as instituições educacionais, eram compostos de filhas de famílias abastadas da oligarquia rural. O pagamento das mensalidades incluía a instrução e a prestação de

serviços, cujo objetivo era uma educação refinada, a polidez dos gestos, a fala, o vestuário, o comportamento, o estudo e o doutrinação da Igreja.

O ensino era rígido, havia o ensino de várias línguas, competições esportivas, atividades literárias e o exercício do papel social da mulher nos moldes da sociedade patriarcal. Com a demanda por educação, aumentou o número de colégios e os internatos desapareceram, a educação tornou-se mista, atendendo novamente à demanda pela estruturação da sociedade brasileira.

Na realidade educacional houve a demanda crescente por escola e a exigência de profissionais que pudessem contribuir para superar o analfabetismo. Assim, houve a necessidade da contribuição da mulher como professora, pois era mãe, boa dona de casa, prestativa, educada, tinha boas maneiras e sabia lidar com crianças. A partir daí, o papel da representação da mulher passou a ser instituída como a pessoa mais indicada para exercer a profissão de professora.

Assim, a educação investiu na perspectiva de preparar o aluno para ser capaz de ler, escrever, contar, construir valores sobre moral e virtudes, modelando-o para construir sua identidade social. Nesse processo, os papéis sociais ficaram demarcados. À mulher coube ser esposa, mãe e professora e ao homem o papel de provedor.

A educação religiosa também pregava a trama de papéis definidos, disciplinando o cotidiano, cultivando as virtudes para fortalecer o espírito, o pudor e a honra. Reforçando as qualidades morais, boas maneiras, preparava e inculcava na mulher habilidades para o exercício da profissão feminina: ser professora.

Os Colégios, na sua ação educativa, materializavam essa função ideológica com o ensino religioso e através do catecismo. Passou-se a ter uma educação moral com função disciplinar. Nessa ótica, os Colégios tornaram-se responsáveis pela representação sócio-cultural, de uma sociedade arraigada e modeladora tanto de homens como de mulheres. Mesmo com a evolução da mulher, essa mentalidade ainda permaneceu nos discursos e práticas educativas nas escolas e na sociedade.

O discurso religioso impregnado na sociedade é detectado pela forte influência da Igreja Católica na escola, desde os primórdios da colonização com os Jesuítas. Segundo Ribeiro (2003), a educação tinha o intuito de reafirmar os dogmas da Igreja, os seus sacramentos, um disciplinamento interno, estimulando a devoção ao Evangelho, procurando aproximar a humanidade de Deus. Deu-se início à evangelização das

massas, com o objetivo de afastar o pecado na luta contra o demônio e contra os possíveis desvios morais. Aconteceu, assim, a ampla divulgação das regras e dos conselhos proferidos pela Igreja por meio das Encíclicas Papais, do Concílio Vaticano II e do Catecismo.

Até o ano de 1822, a Igreja apresentava-se numa relação de interdependência com o Estado, diminuindo sua autonomia. Assim, a Igreja para manter sua influência integrou-se na família, nas associações civis e religiosas, dando início ao pacto Igreja e sociedade.

Romanelli (2002) ressalta que o Estado assumiu os encargos da educação. A Igreja buscou novos caminhos para sua reafirmação no seio da sociedade através da fundação de Colégios. Nesse processo, a Igreja constituiu-se na grande entidade educadora da sociedade, fundamentada nos preceitos religiosos do catecismo, como meio de disciplinar as práticas sociais.

Multiplicam-se os colégios católicos confessionais, para a educação da juventude, dos filhos da camada média e alta da sociedade, através da cobrança de taxas ou doações da sociedade. Esses jovens seriam, no futuro, o poder que iria dirigir a sociedade. Formava-se, assim, a elite, com a finalidade de ocupar cargos políticos e administrativos, aprofundando a influência da Igreja na sociedade.

Os Colégios católicos tornaram-se um lugar privilegiado, foram regidos pela doutrina católica, orientavam para a salvação individual, para a moral e para as virtudes. A maior virtude era a obediência, porque toda autoridade vinha de Deus. Criava-se, assim, a representatividade do modelo adequado para a conduta na sociedade. Vale ressaltar também que os colégios representaram a abertura de outras possibilidades de vida para a mulher, na busca de sua sobrevivência e na melhora de sua condição social.

Portanto, vê-se claramente o doutrinamento religioso nos princípios da escola, mas é necessário que a pessoa se sinta vocacionada a cumprir os preceitos impostos pela Igreja e conduzir sua vida conforme os ensinamentos do Evangelho. Nesse sentido, compreender a profissão de religiosa vivenciada por Garotti, e sua formação, nos leva a compreender a sua história de vida, representada nas suas opções, nas suas crenças e nas suas vivências.

3.3 – Ilar na construção da vida religiosa

A vida religiosa faz parte do ministério da Igreja. É considerada um dom, uma vocação que convida a significar, em suas variadas formas, a caridade, a doação de si ao outro e o amor ao próximo. Descreve-se, aqui, os conselhos evangélicos necessários para se optar pela vida religiosa. Esse caminho religioso foi trilhado por Garotti na sua trajetória de vida.

Os conselhos evangélicos são de pobreza, obediência e castidade. Os votos de pobreza especificam que os membros consagrados não podem ter apego material, devem praticar a justiça social, especialmente entre os marginalizados. É, também, saber usufruir os bens da terra em espírito evangélico, e colocar o tempo, os dons e os talentos, a serviço dos irmãos e irmãs da comunidade, do Instituto, aceitando também suas próprias limitações (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

Os votos de obediência estão ligados ao discernimento da vontade de Deus em meio às atividades cotidianas, sendo fiel à espiritualidade, à oração e à organização da Congregação, segundo os ensinamentos da Igreja. A consagração secular implica a obediência ao Plano de Deus na vida concreta e no seguimento de sua palavra.

Já a castidade exige que a pessoa seja celibatária. A pessoa renuncia ao matrimônio, optando por preencher a vida dedicando-se em servir a Deus. Na vivência dos Conselhos Evangélicos, cada Instituto acentua a sua vivência conforme sua própria espiritualidade. Todos devem vivê-los como leigos, em pleno mundo, sempre tendo em vista a sua vocação e o seguimento de Jesus Cristo. A profissão religiosa começa em geral por ser temporária, normalmente entre três e seis anos, seguindo-se a profissão perpétua (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

Garotti passou por esse processo decisório, teve um orientador espiritual, Dom Melilo. Por meio de suas orientações decidiu entrar para a Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, relatou também que sua fé era muito grande e que a partir das orientações e apoio, pôde reconhecer a sua vocação.

Segundo o texto do catecismo da igreja católica a inserção das religiosas e dos religiosos na Congregação consiste em assumir paróquias e ajudar na pastoral das dioceses. As irmãs são auxiliares do clero, dedicam-se aos trabalhos e tarefas de agentes de pastoral nas comunidades em que estão inseridas (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

Os religiosos e as religiosas a exemplo de Garotti, abandonam tudo para seguir a religião como: a autonomia, a propriedade, o dinheiro, os sonhos particulares, casamento ou uma vida a dois. A opção pela vida religiosa passa a ser uma referência de identidade, é uma opção séria de vida.

A vida religiosa se caracteriza pela radicalidade da busca de Deus, é nela que revela os chamados dons espirituais. No processo de discernimento vocacional, ao tentar compreender as razões das escolhas e opções da chamada vocação, o responsável pela formação ou diretor espiritual é orientado a interagir com o dinamismo bio-psico-sócio-espiritual do homem ou da mulher que desejam seguir o caminho da religiosidade.

Nesse sentido, o formador espiritual deve estar atento às ditas motivações trazidas pelo futuro religioso ou religiosa, bem como aos seus interesses, motivações e desejos, para adentrar na experiência da vida religiosa (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007). Assim, Garotti fez opção pela Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado e no ano de 1956 cumpriu sua profissão religiosa.

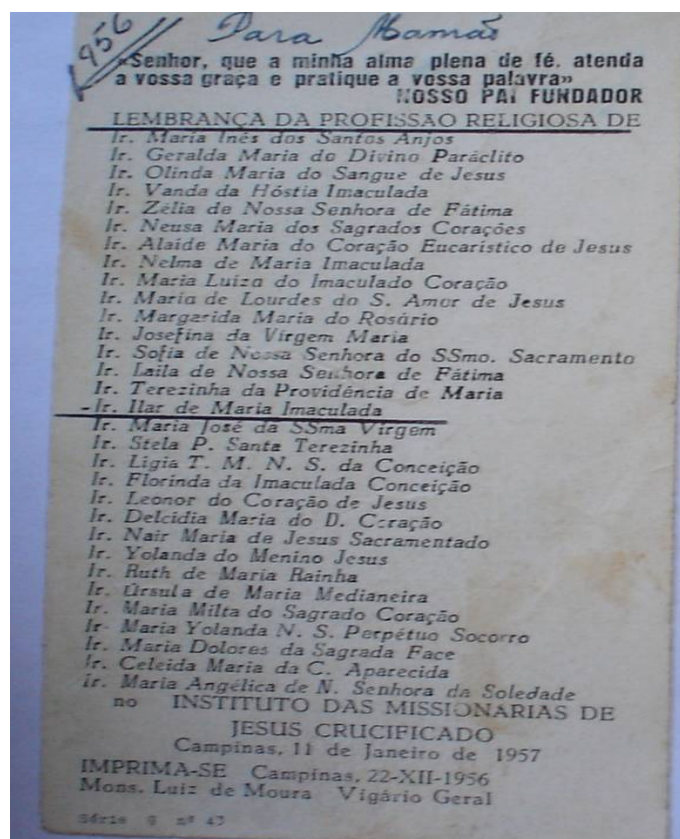


Figura 5 - Lembrança da Profissão religiosa
Fonte: Acervo particular de Ilar Garotti – 1956

Essa Congregação foi criada por uma jovem campineira de 19 anos, Maria Villac, que tinha uma fé e um carisma especial que brotava de sua simplicidade de vida. Ela oferecia orientação espiritual a várias moças. Estas se juntaram a Maria Villac e formaram um grupo missionário que era composto de onze jovens que se reuniam na casa da família Villac, local que, posteriormente, foi cedido pela família à Congregação. Era um grupo dinâmico dentro da Igreja de Campinas-SP, elas divulgavam o catecismo nos bairros pobres, no apostolado sem o traje religioso, saíam em missão assumindo trabalhos pastorais.

O grupo se fortaleceu e, assim, estas jovens formularam um Regulamento para que o grupo se oficializasse como Associação das Missionárias de Jesus Crucificado. Dom Barreto, 2º Bispo de Campinas e idealizador das Faculdades Campineiras, semanalmente reunia-se com as jovens para um aprofundamento bíblico-teológico e espiritual na vida comunitária. Após cinco anos de existência, no ano de 1927, Maria Villac foi convidada por Dom Barreto para transformar aquela Associação em uma Congregação Religiosa para ter mais consistência, estabilidade e expansão.

Em Campinas, no dia 3 de maio de 1928, é fundada a Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, que recebia jovens de todo o Brasil, inclusive moças negras e indígenas, para viver o Carisma missionário e ir em busca dos mais carentes nos bairros operários, visitando casa por casa, levando a espiritualidade, tendo por clausura a rua e a casa dos mais necessitados, mostrando um caminho novo de fraternidade, justiça e partilha.

No ano de 1932, a Congregação veio para Uberlândia. A comunidade religiosa local, por medo de uma possível infiltração comunista, estabeleceu a “[...] necessidade da presença da educação cristã para a formação intelectual e moral dos habitantes da cidade” (RAMOS, 2003, p.72). Assim, a autora afirma que “[...] a chegada das missionárias foi motivo de festa, sendo estas recebidas por autoridades, membros de associações de religiosas e um grande número de famílias” (RAMOS, op. cit., p.73).

Garotti relatou que desde 1978 está ligada ao Instituto Secular. Eles são compostos por grupos de homens ou de mulheres, que têm o mesmo objetivo: seguir radicalmente a Jesus Cristo. Neles os consagrados procuram viver plenamente a consagração batismal, professando os votos evangélicos de castidade, pobreza e

obediência, cultivando cotidianamente para suas vidas, a experiência do encontro e da intimidade com Jesus (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

Para os religiosos a vocação é um peculiar dom de Deus à sua Igreja. Dessa forma, os consagrados seculares devem estar presentes na vida da Igreja, nas suas comunidades e atuar em todos os setores da comunidade. Eles são orientados a seguirem as orientações da Igreja e sua linha pastoral, devem aprofundar seus estudos nos documentos disponíveis da igreja, procurar crescer na comunhão eclesial que fundamenta o compromisso do religioso ou da religiosa com a construção de um mundo melhor (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2007).

Diante do exposto, Garotti afirmou que sua vocação pela fé foi confirmada durante o percurso de sua formação, a qual pôde amadurecer e desenvolver suas habilidades como ser humano. No entanto, para ela, a vocação representa o resultado de toda uma profissão de fé. Garotti, quando se referiu à formação que recebeu, relatou que foi no convívio e nos ensinamentos da Congregação que pôde confirmar a decisão tomada para seguir a vida religiosa e sua vocação. Nesse processo, a sua formação foi fundamental para revelar sua opção de vida.

A vocação aqui foi entendida como um dom inerente ao indivíduo que tem uma relação intrínseca com a religiosidade. Dessa forma, o sentido e o lugar da vocação na vida de Garotti estão intrinsecamente ligados às suas aptidões e às suas concepções de religião. Como ela tinha clareza do objetivo quanto à formação da sua espiritualidade, aproveitou a oportunidade que teve de estudar no Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs Franciscanas em Jardinópolis; e no Instituto Complementar São José, das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado em Campinas, para agregar novos conhecimentos em busca de atingir seu ideal como religiosa.

Ao falar sobre a Vida Religiosa, Garotti relatou que a presença de Deus sempre foi muito forte em sua vida, enfrentou muitas dificuldades em relação à sua escolha, principalmente na oposição de sua mãe à vida religiosa, mas considerou que a opção em seguir este caminho foi realizada dia-a-dia. Garotti narrou que tinha consciência da responsabilidade que pousava sobre ela, de ter que corresponder ao que a Instituição esperava. Ela acreditou que possuía vocação e desejo suficientes para seguir em frente e não desistir.

O que inicialmente atraiu Garotti para a Vida Religiosa foi o desejo de estudar. A vocação apareceu depois, como consequência da necessidade de se sentir realizada como pessoa. Narrou ainda que a escolha pela vida religiosa consagrada foi uma opção consciente e que se sentiu plenamente pronta para abraçá-la e aceitá-la. Garotti relatou: “[...] minha vida foi mudando: meus valores, meus princípios, a minha fé me ajudaram muito o modo de ver as coisas” (GAROTTI, 2006).



Figura 6 - Profissão religiosa - Ângela (mãe), Dom Agnelo, Ilar, Ida, Pe. Tomaz
Fonte: Acervo Particular de Ilar Garotti

Assim, afirmou que a formação e a vocação juntas, determinaram suas escolhas, o que confirmou ao longo de sua vida a sua realização pessoal e profissional. O gosto pela educação, aliado à sua capacidade de liderar e ajudar pessoas, deram sentido à sua existência.

Segundo Garotti, com o decorrer do tempo, assumiu responsabilidades e adquiriu confiança em si mesma. Ainda ressaltou que, nesse processo, enfrentou as mais variadas dificuldades, mas soube gerenciar com fé, êxito e segurança.

Garotti foi Madre por vinte e três anos. Madre é uma nomeclatura de quem vai coordenar, ela relatou que “[...] Madre é no sentido de mãe dessa comunidade religiosa, dessa fraternidade religiosa” (GAROTTI, 2006). Atualmente, Garotti está vinculada ao

Instituto Secular, onde a essência dos votos é a mesma, pobreza, castidade e obediência, porém, o modo de viver a vida religiosa é diferente:

No Instituto Secular, você não coloca o fruto do seu trabalho em comum, você tem a sua vida individual e vive seus votos no mundo como leiga consagrada, trabalha, tem seu salário e o aplica onde você quiser. Nós mantemos o Instituto Secular, mas o Instituto não nos mantém. Nos reunimos mensalmente e anualmente tem retiro. Temos coordenação geral, tudo igual Congregação, só que moramos diferente, moramos sozinhas, em grupo, moramos com a família ou numa comunidade, vivendo os votos no mundo de acordo com o Evangelho e as normas da Igreja, como leigas Consagradas (GAROTTI, 2006).

Trabalhou também desenvolveu trabalhos nas pastorais da Paróquia Nossa Senhora das Dores: “[...] trabalhei na Equipe de Formação da Paróquia” (GAROTTI, 2006).

Ao final da entrevista Garotti deixou uma mensagem a todos os profissionais da educação, avaliou que a espiritualidade hoje não tem o mesmo valor que tinha antigamente:

A vivência na fraternidade desenvolvendo a humanidade, as virtudes e os valores do Reino de Deus, dão sentido à vida. O desenvolvimento dos valores: verdade, amor, humildade, na construção do Reino de Deus, dão sentido a vida. Essa fraternidade, nós encontramos em qualquer religião. Só os valores intelectuais, não dão sentido à vida. O sentido de vida, nós encontramos nos valores espirituais, na fraternidade, no amor e na justiça. O que penso é que nascemos e vivemos procurando a felicidade, atendendo à ordem natural das coisas. Em todas as decisões sempre dei ênfase à valorização do ser humano, procurando, através da religião e do trabalho, viver de acordo com meu conceito de verdade e justiça, muito embora, sendo que os questionamentos sobre a verdade continuam, até que consigamos entender e interpretar com mais segurança a verdade que é Deus. Fico feliz e me vejo realizada, ao ver meus ex-alunos desenvolvendo, melhor do que eu, o trabalho em prol da educação. De tudo, aprendi que somos seres finitos e ultrapassados. O importante é procurar crescer na vida sem abandonar os sonhos, palmilhando o caminho da humildade e da fé e compartilhando com o nosso próximo a alegria e o conhecimento (GAROTTI, 2006).



Figura 7 - Odélcia Leão Carneiro e Ilar Garotti
Fonte: Acervo particular Garotti Garotti – 1998

Garotti afirmou que, ao longo de sua vida, sempre trabalhou em equipe e contou com pessoas de confiança que deram suporte às suas ações. Trabalhou com a Ir. Odélcia Leão Carneiro (*in memóriam*), tia de político influente na região, Odelmo Leão Carneiro. Relatou que tinha o apoio e ajuda de Odélcia na administração das decisões. Rememorou: “[...] na vida existencial, era amiga e boa conselheira. Sabia dar uma palavra fundamentada na prudência e na sabedoria, dentro da verdade inserida na sua própria maneira de pensar, ser e agir” (GAROTTI, 2006).

Nesta convivência harmônica, narrou que trabalhavam em busca de um mesmo ideal, tinham uma meta a seguir: “[...] pra quem tem um rumo há um objetivo a seguir, o que era preciso fazer e, fazíamos” (GAROTTI, 2006). Pelo fato de ser mulher e religiosa, nunca sentiu qualquer tipo de preconceito sentia segurança e tranquilidade no desenvolvimento dos seus ideais.

Garotti, por quase 40 anos, dedicou-se ao compromisso com a educação, enfrentou dificuldade financeira, contratempos e desafios. Também foi um período que significou muito para ela, pois pôde construir a sua personalidade e sua identidade no tempo e no espaço. Houve aspectos de sua infância e juventude de que não se lembrou assim, “[...] somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha, que às vezes não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a nossa visão” (BOSI, 1987, p.407).

A sólida formação acadêmica e religiosa de Garotti foi de grande importância e respaldo para suas ações. Quando tinha sob sua responsabilidade a direção de um Colégio, administrou com rigor e segurança, pois foi assim que aprendeu e era o que sabia e gostava de fazer. Dividia seu tempo acumulando funções de confiança, pois

gostava de administrar e ver o funcionamento das tarefas que lhe eram atribuídas e confiadas.

Assim, vale ressaltar que todo o processo de constituição e consolidação da FAFI foi um primeiro passo para fazer de Uberlândia um pólo de referência na área da educação. É notório, por meio de sua narrativa, que suas ações estavam diretamente relacionadas aos esforços para ampliar a oferta educacional, tendo a preocupação de formar mão de obra qualificada, conectada a valores e ações que pudessem ampliar a vida cultural de Uberlândia e enaltecer os valores religiosos locais.

Ela relatou que, sempre que vai a locais públicos, é reverenciada pela sociedade uberlandense, que reconhece sua contribuição, além de sempre ser homenageada nos eventos, exaltando o seu empreendedorismo, a luta pelo progresso educacional local e o compromisso com a educação. Como pode ser observado em sua fala: “Uberlândia reconhece o esforço que nós fizemos, quando falo nós, é a minha equipe” (GAROTTI, 2006).

Ressaltou muitas vezes durante a entrevista a importância que teve a sua equipe de trabalho. Ela utilizou palavras que enalteceram o trabalho desenvolvido pelo grupo e mostra o quanto eram e são estimados, pois, até hoje mantém contato com algumas pessoas que contribuíram com os trabalhos desenvolvidos no Colégio, na UFU e na Prefeitura de Uberlândia.

Nesse aspecto, ao optar por trabalhar em uma equipe unida, a gestão torna-se compartilhada. Assim, esse processo “[...] leva a garantir a competência e o comprometimento político dos sujeitos que nela atuam, com objetivos comuns no sentido de colocar seus conhecimentos, habilidades e emoções a serviço de uma causa, de um alvo também compartilhado, de modo livre e por convicção” (PENTEADO, 1998, p.56).

Equipe não é um coletivo qualquer, mas “[...] aqueles que vivem uma experiência de unidade e solidariedade, dotada de identidade própria, capaz de iniciativa no seio da sociedade civil, no interior da qual vai elaborando as etapas sucessivas do projeto comum para uma nova convivência social” (PENTEADO, op. cit., p.57).

Nesse sentido, cada sujeito carrega consigo lembranças pessoais, porém, quando está inserido num contexto e vivendo em sociedade, ele consolida as lembranças que lhe foram significativas. Ao rememorar a sua história de vida, cada pessoa reporta-se às

imagens do passado ou às lembranças de outras pessoas ou, apoiando-se na memória histórica, tentam construir uma história geral:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1987, p. 55).

Dessa forma, no período de formação religiosa de Garotti, houve determinações da Igreja em vários setores da sociedade. Destacou-se aqui, as Encíclicas do período em que Garotti frequentou o Colégio de freiras e que certamente influenciaram a sua formação tanto como professora quanto religiosa.. O discurso religioso, veiculado pelas Encíclicas Papais que tratavam sobre as representações de mulher e de educação, ajudaram a construir representações sociais, conduziram práticas que moldavam comportamentos e rotulavam as qualidades da mulher no seu exercício de esposa, mãe, amiga e professora.

As Cartas Pontifícias influenciavam os moldes de comportamento do ser humano em todas as áreas da sociedade, aconselhavam às famílias, aos jovens, à educação e, principalmente à mulher, a exercer na sociedade o papel de esposa, mãe e educadora, além de determinar sua submissão.

As determinações da Igreja eram dirigidas às instituições, bispos, escolas, aos pais, às famílias, à mulher, ressaltando os perigos que o mundo moderno para as mulheres de todas as raças, classes e condições sociais. Vale ressaltar a importância dessas Encíclicas para a compreensão da história da educação brasileira e a compreensão da pressão estabelecida pela Igreja para manter o poder. O ensino religioso deveria ser matéria obrigatória nas escolas, normatizando a conduta dos jovens e dos professores.

Os discursos religiosos veiculados nas Encíclicas Papais tratavam de preocupações da Igreja referente às questões sociais, sobre a família, a mulher e sobre a educação. As Encíclicas ajudaram a reforçar as representações sociais, conduzindo práticas, moldando comportamentos e rotulando as qualidades da mulher no seu exercício de esposa, mãe, dona de casa e posteriormente professora.

Sabe-se que há ainda, muitas formas de perceber o cotidiano vivido e experienciado. Assim, fez-se a opção de explicitar a fortaleza do discurso religioso para compreender alguns aspectos significativos que influenciaram e determinaram o processo educacional, bem como algumas influências nas questões sociais.

No ano de 1891, o Papa Leão XIII promulgou a Encíclica *Rerum Novarum*. Na época, o Estado acusava a Igreja de ser limitada diante dos problemas sociais. Nessa Encíclica a Igreja criticava o domínio do Estado que era tido como mero mantenedor da ordem pública e ausente das questões sociais. Nessa Encíclica a Igreja apresenta soluções para importantes questões sociais. Esse documento inspirou a legislação do trabalho em todo o mundo em defesa dos operários e sistematizou a doutrina social da Igreja.

Essa Encíclica ressaltava a constituição cristã da família, determinava que o homem fosse o chefe da família e a mulher deveria cuidar dos afazeres do lar: “[...] a natureza destina de preferência aos arranjos domésticos, que, por outro lado salvaguardam admiravelmente a honestidade do sexo, e correspondem melhor, pela sua natureza, ao que pede a boa educação dos filhos e a prosperidade da família” (DE SANCTIS, 1971, p. 36).

Em 1905, Pio X promulgou uma Encíclica sobre o ensino do catecismo: “[...] carta dirigida a toda hierarquia da Igreja, alertando-a para a importância do ensino da doutrina cristã em todos os graus de instrução” (PEREIRA, 1996, p.161). O catecismo complementaria o processo de instrução educativa.

A Encíclica *Divini illius Magistri* de Pio XI, no ano de 1929, expõe a preocupação da Igreja com a educação cristã da juventude e seu caráter missionário, que tem como função moralizar, moldar identidades e comportamentos sociais de homens e mulheres diante das novas teorias racionais científicas. Nesse sentido, a Igreja procurava “[...] combater essa nova representação do mundo e da sociedade, a Igreja dirige-se à família, enquanto instituição cristã, para que ela reclame para si o direito primordial da condução, escolha e diretriz da educação de seus filhos” (PEREIRA, op. cit., p.163).

Essa Encíclica normatizava também a atitude cristã dos professores, para a ação conjunta na e da família. Nela consta a prioridade da Igreja na condução de instituições educacionais. Determinava também os perigos e as influências modernas na educação

da infância, juventude e a importância e excelência da educação cristã. Essa Encíclica foi importante visto que:

[...] para a compreensão da história da educação no Brasil, principalmente no embate entre católicos e liberais no momento em que o papel do Estado brasileiro foi crescendo no interior do terreno educacional marcado de um lado pela tendência à laicidade e, de outro, pela forte pressão da Igreja para manter o ensino religioso como matéria obrigatória (PEREIRA, 1996, p. 163).

No ano de 1931, quarenta anos depois da Encíclica de Leão XIII, o Papa Pio XI publicou a Encíclica *Quadragesimo Anno*, um documento que fez um balanço da *Rerum Novarum* e uma análise de novos problemas surgidos: a restauração da ordem social e a renovação dos costumes para aperfeiçoar o progresso social. Dentre eles destacou-se em face das atuais condições, exigências, os erros da família e da sociedade. Nela constam também, os aspectos negativos e críticas à emancipação da mulher e à sua ausência no lar:

Sentimo-nos horrorizados ao pensar nos gravíssimos perigos a que estão expostos nas fábricas modernas os costumes dos operários (sobretudo jovens) e o pudor das mulheres e donzelas; ao lembrarmos de que muitas vezes o sistema econômico hodierno e sobretudo as más condições da habitação criam obstáculos à união e intimidade da vida de família [...] (DE SANCTIS, 1971, p. 95).

Pio XII, em 1941, no cinquentenário da Encíclica *Rerum Novarum*, elaborou inúmeros documentos, cartas e discursos sobre a doutrina social da Igreja, que no período da guerra, buscou um encaminhamento para o progresso social cristão através da religião:

Ao contrário é indiscutível competência da Igreja, onde a ordem social se aproxima e atinge o campo moral, o julgar se as bases de uma determinada organização social estão em acordo com a ordem imutável, que Deus Criador e Redentor manifestou por meio do direito natural e da revelação [...] (DE SANCTIS, op. cit., p. 147).

Encíclica sobre o apostolado feminino, incentivava as jovens ao apostolado cristão para trabalhar em prol da Igreja e da comunidade. Já nos discursos à juventude feminina e mulheres da ação católica, o Papa Pio XII, no ano de 1942, estabeleceu os

deveres do marido e da mulher. Sendo que a mulher deveria cuidar dos afazeres do lar e dos filhos e ao homem caberia assegurar o sustento da família.

Em 1948, o momento histórico é de intensas transformações socioculturais, houve uma significativa mudança nos padrões de comportamento feminino, principalmente pelo ingresso da mulher no mercado de trabalho. Pio XII, elaborou uma Encíclica sobre a proteção da jovem: “Refere-se aos perigos da modernidade e à ilusão da jovem diante dos atrativos mundanos” (PEREIRA, 1996, p. 158).

Do lar para o trabalho, a mulher abriu caminhos para novas possibilidades. Diante dessa nova mulher, a Igreja intensifica e fortalece seus discursos, no zelo pelas virtudes e sobre a proteção da jovem diante da ilusão dos atrativos mundanos. Nesse contexto, o Papa Pio XII promulga uma Encíclica sobre a proteção da jovem, quanto à ilusão da jovem moderna, determinando que o lugar da mulher é no lar.

Sobre a virgindade da juventude feminina, no ano de 1954, Pio XII, publica uma Encíclica sobre a sagrada virgindade, que determina vigilância do corpo para que a mulher possa ter prudência e manter o pudor:

Essa carta apostólica é dirigida aos bispos de todo o universo católico, [...] Pede atenção especial à virgindade da juventude feminina, retomando seu conceito no ensino dos Padres e Doutores, sugerindo que a castidade não é nociva ao organismo humano, mostrando sua excelência, a necessidade de vigilância e mortificação do corpo, da fuga das tentações e de ocasiões de pecado para se manter o pudor cristão (PEREIRA, op. cit., p. 159).

No ano de 1957, o Papa Pio XII, na Encíclica sobre o apostolado da mulher católica, reafirma os dogmas da Igreja Católica, determinando sobre o apostolado da ação, a missão da mulher e os perigos no mundo moderno. Segundo Pereira (1996), essa Encíclica dispõe “[...] sobre os perigos que o mundo moderno representa para as mulheres de todas as raças, classes e condições sociais, reafirmando os valores do matrimônio cristão da dedicação da mulher como esposa e mãe” (PEREIRA, op. cit., p.160).

Pio XII, também editou Cartas e discursos aos educadores sobre normas para os professores católicos: “[...] Aponta para o caráter missionário que reveste esse ato, para a sua função moralizadora, e para o seu papel de forjar e moldar identidades e comportamentos sociais de homens e mulheres” (PEREIRA, op. cit., p. 160).

No ano de 1958, o Papa Pio XII redigiu outra Encíclica sobre a educação da infância, que foi dirigida aos pais para estarem atentos à educação dos filhos. Determina que a mãe deveria ficar no lar e ser a educadora das crianças. Ainda segundo Pereira “[...] O pontífice, retoma as idéias de Pio XI, conclama os pais a estarem vigilantes e atentos à educação de seus filhos, segundo os princípios da moral cristã (PEREIRA, 1996, p. 163).

Assim, compreende-se que essas determinações provocaram impacto na educação e na formação das jovens. Nesse período, Garotti estava em período de formação. Dessa forma, o discurso, dito nas entrelinhas e nas ideologias impregnadas na fala: “[...] são poderes e perigos que mal se imagina” (FOUCAULT, 1996, p.8). Cabe, portanto, ao pesquisador estar atento às linguagens utilizadas e ao sentido das palavras, o que exige um olhar cuidadoso nas representações das experiências do narrador, bem como das suas interpretações da realidade.

Assim, construir, analisar e interpretar histórias de vida é um grande desafio, é desvendar um discurso em meio à multiplicidade de tantos discursos. Conforme o sujeito que narra, ainda haverá diferentes olhares e diferentes discursos a se dizer. Porém, este estudo contempla apenas o olhar de Garotti sobre os seus feitos e suas ações.

Nesse sentido, Foucault (1996) considera que cada indivíduo faz análise diferente do contexto e tem visão diferente de mundo, e pode também não querer expressar os seus pensamentos e/ou suas vivências o que faz com que tenha algo ainda a ser dito, ou, que foi dito nas entrelinhas.

3.4 - O discurso e o poder da Igreja na vida de Ilar

Analisa-se aqui a influência da formação religiosa e os padrões morais impostos pela Igreja Católica, e como esses aspectos influenciaram o modelo de educação da mulher. Nesse sentido, a educação é entendida como processo contínuo e complexo, tem início antes mesmo do nascimento do ser humano e vai até a morte, perpassando por todos os momentos de sua vida. Este processo acontece em cada pessoa de forma diferente conforme o meio, as vivências e a cultura em que está inserida.

Dessa forma, a visão de mundo, de homem e mulher, revela as concepções em que o indivíduo foi formado, podendo, assim, dar visibilidade aos seus modos de saber e fazer. O ser humano influencia e é influenciado pelos diferentes lugares que passa e pelos espaços educativos que frequenta. Esses fatores conotam a singularidade humana na constituição de seus valores e crenças. As características individuais de cada ser não estão prontas e acabadas, pois, na medida em que interage com o outro e com o meio ressignifica os seus valores e seus aprendizados.

Nessa perspectiva, os diferentes comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos sociais e familiares, valores, crenças e visão de mundo expressam a singularidade de cada ser. Dessa maneira, analisar a profissão de professora, religiosa de Garotti e a influência que o meio e os preceitos da Igreja tiveram na sua formação, pode levar à compreensão de sua opção por seguir o caminho da religião.

Para compreender a história de vida de Garotti, a partir de sua narrativa, pôde-se descobrir que o seu primeiro espaço educativo foi a família, logo seguido da escola. Garotti foi educada num colégio de freiras, tanto na infância como também na adolescência. A história da Educação tem mostrado que as escolas católicas eram marcadas pelo rigor, ordem e disciplina dos alunos, além da formação moral e religiosa.

Dessa forma, “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 1975, p.118). Nesse sentido, o modo como o indivíduo é moldado introjeta em si tais ações, perpetuando a obediência.

Garotti relatou esse processo de obediência, a madre mandava e ela obedecia. Dessa forma, podemos afirmar que ela interiorizou as práticas e as estratégias de disciplinamento dada pelo ideário católico na sua formação. Entende-se que a prática educativa no período em que foi educada estabeleceu um controle físico dos alunos e dos espaços, com vistas a obter resultados morais e culturais, respaldado pelos interesses das famílias principalmente quanto à moral e à fé, além de moldar a conduta.

Submissão, obediência e seriedade nos estudos eram normas na maioria dos Colégios. Assim, “[...] corpo que se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil” (FOUCAULT, op. cit., p.17). Sob essa perspectiva, ao moldar o corpo, molda-se a conduta e os valores. Nesse sentido, “[...] o corpo acumula experiências, adquire novas destrezas, automatiza os movimentos de maneira a produzir programações

originais ou culturais de comportamento” (FERNANDES, 1990, p. 58). Acredita-se que Garotti internalizou tais práticas e ao longo de sua vida, buscou reproduzi-las, ancorando assim suas ações cotidianas.

Tendo por base o contexto histórico, é possível observar que a conceituação contemporânea do que representa ser mulher em um contexto social é resultado de elaborações teóricas construídas em diversas áreas do conhecimento. Esse processo compõe a formação da identidade da mulher, que foram enraizadas na cultura social, configurando um imaginário coletivo do que representava ser mulher nos diferentes espaços sociais.

A compreensão do ser feminino levou a pensar em algumas matrizes que orientavam a formação da mulher. Tinha-se na ideologia católica de formação de mulheres a submissão e os afazeres do lar. Esses fatores se tornaram meta para a configuração da representação de um modelo de mulher que deveria ser aceita socialmente.

A sociedade estabeleceu, então, diversos códigos de convivências implícitas nas relações, os quais definem papéis para cada ator social, esse contrato foi demarcado no cotidiano. O cotidiano, por sua vez, é um fio condutor da formação humana, pois é por meio dele que o indivíduo aprende, através da arte de fazer, um conjunto de práticas sociais imprescindíveis à condição humana.

Portanto, o poder se prolonga invadindo a vida dos sujeitos, das instituições e das práticas cotidianas na sociedade:

Dispomos da afirmação que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação, como também da afirmação que o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força (FOUCAULT, 2003, p.175).

O poder circula, exerce, reproduz, reage e cria outras formas de se manter, passando a controlar os corpos, os gestos e os discursos. Assim, “Um certo saber do cotidiano tem, aí, pelo menos uma parte de sua origem e, com ele, uma grade de inteligibilidade aplicada sobre nossos gestos, sobre nossas maneiras de ser e de fazer” (FOUCAULT, op. cit., p.217).

Nesse sentido, o poder se vincula ao saber. Os saberes se reproduzem como formas de relação de forças, isto é, formas de poder, que se torna inseparável do saber.

Foucault trabalha o sujeito e não o poder em si. Mostra o poder centrado no Estado, e nesse aspecto, trabalha o sujeito envolvido em contextos de relações de poder.

O Estado usa o poder para moldar o corpo social, isto é, o contexto da sociedade. Nessa perspectiva, o sujeito se constitui enquanto político e economicamente dócil, moldado e controlado. Assim, percebe-se a trama da constituição do conhecimento e suas abrangências do poder, pois o poder permeia todas as relações cotidianas através de modalidades instrumentais:

[...] o poder se exerce pela ameaça de armas, dos efeitos da palavra, através das disparidades econômicas, por mecanismos mais ou menos complexos de controle, por sistemas de vigilância, com ou sem arquivos, segundo regras explícitas ou não, permanentes ou modificáveis, com ou sem dispositivos materiais etc (RABINOW, 1995, p. 246).

Esses instrumentos de poder são instrumentos para se obter o controle. Assim, o poder é um conjunto de ações sobre ações possíveis: “O exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou se quebra: ele se esclarece, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados” (RABINOW, op. cit., p. 247). Dessa forma, as estratégias de poder são meios para fazer funcionar ou manter um dispositivo de poder.

Os dispositivos são os efeitos de poder que impõem representações ao sujeito. Dessa forma, categoriza-se o sujeito “[...] marca-o com sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe-lhe uma lei de verdade, que devemos reconhecer e que os outros têm que reconhecer nele” (RABINOW, op. cit., p. 235).

Assim é o poder da religião, conhecida também por poder pastoral, que cuida da comunidade e de seus membros durante toda a sua vida: “Essa forma de poder é orientada para a salvação” (RABINOW, op. cit., p. 237), esses dispositivos ficam introjetados no sujeito como meio de se conservar a tradição da Igreja.

Nesse sentido, faz-se necessário destacar que a salvação tem o significado de “[...] saúde, bem-estar (isto é, riqueza suficiente, padrão de vida), segurança, proteção contra acidentes” (RABINOW, op. cit., p. 238). Ele é utilizado para manter a conduta, os valores, a ordem e para assegurar a manutenção da higiene, da saúde e dos padrões urbanos considerados necessários para viver em comunidade.

Assim esse poder é regulamentado e regulamentador, porque determinava o que deveria ser considerado legítimo através das Instituições. Essas ações assinalavam o

funcionamento de um outro mecanismo de poder, a disciplina e a vigilância que veiculava discursos e práticas que através da normatização, fazendo funcionar estratégias e saberes que penetram nas relações. Nessa perspectiva, as relações de poder fundam e são fundadas sobre relações de saber.

Dessa maneira, essa estreita relação do poder com o saber, faz pensar no poder das Instituições e no processo educacional, pois, o sujeito foi moldado no seu jeito de ser, de pensar e agir, através de dispositivos disciplinadores. Sendo assim, constata-se que a cultura abriga, no cotidiano, o conjunto de práticas sociais para estabelecer termos de convivência e ensinar os devidos papéis sociais.

Portanto, compreender a formação religiosa da professora e os aspectos que fundamentaram a sua religiosidade, descortinou o processo educacional vivenciado por Garotti. Esses fatores levaram a reflexão e à percepção das complexidades da gestão do saber-viver e das representações que se constroem e re-constroem dia-a-dia.

Dessa forma, estar diante da vida do outro, reviver a trajetória de vida que o outro experienciou, deixa claro que cabe somente ao autor e protagonista da história descortinar suas vivências ou não. Nesse processo, é importante ter claro que essas informações são representações da narradora do contexto vivido e experienciado, expressado por meio da narrativa de sua vida.

No próximo capítulo apresentam-se as descobertas deste estudo. Descobertas da capacidade do indivíduo se posicionar diante da história e fazer história. Histórias que levam a pensar, por um lado, nos perigos e na fragilidade dos discursos, por outro, na fortaleza deles. A complexidade em construir uma história de vida, não dá o direito de estabelecer aqui o que é certo ou errado, apenas dar voz à autora de sua própria história.

